

Autor: Fernando Marcial Ricci Araujo

Orientador: Carlos Henrique Kessler

Instituto de Psicologia/ Departamento de Psicanálise e Psicopatologia
fernandomraraújo@gmail.com

INTRODUÇÃO

• O presente estudo ainda em curso, concebido como desdobramento do Projeto de Pesquisa cadastrado junto à UFRGS intitulado: “A Pesquisa Clínica em Transferência” vinculado ao Grupo de Pesquisa “A psicanálise e a Clínica na Universidade” visa elaborar uma reflexão a respeito da presença da psicanálise na Universidade a partir de uma perspectiva dos ideais.

OBJETIVOS

• As considerações propostas neste trabalho pretendem explorar duas possibilidades de análise da questão. São elas: i) as condições de possibilidade da psicanálise no seio da instituição universitária situadas a partir do *duo* impotência x impossível; ii) sua especificidade em termos de ideais relativa às demais ciências humanas;

METODOLOGIA

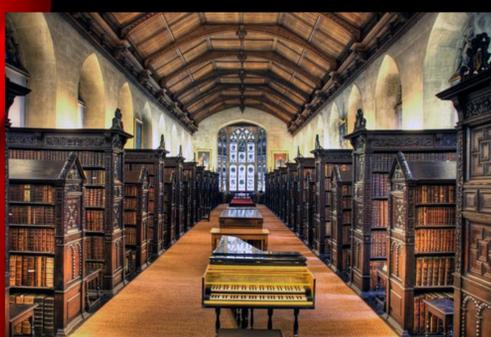
- Delimitação do campo de análise: textos fundadores de Freud e Lacan e textos atuais em psicanálise sobre o tema dos ideais e sobre a presença da psicanálise na Universidade;
- Revisão bibliográfica dos textos selecionados;
- Exercício de reflexão do pesquisador, orientação e discussão em grupo;

RESULTADOS PRELIMINARES

• No atual momento da pesquisa, vislumbra-se duas vias de reflexão que se mostraram férteis para o estabelecimento de um estudo a respeito da presença da psicanálise na Universidade;

1) A PSICANÁLISE NA UNIVERSIDADE: entre a impotência e o impossível

• Desde Freud a literatura psicanalítica interroga a questão relativa ao “impossível” da presença da psicanálise na Universidade. Na medida em que se considera a especificidade da psicanálise como um discurso que não se rege pelo imperativo da maestria, operando pela via da transmissão e sob transferência, tem-se aberto um campo fecundo de reflexão a respeito das possibilidades da psicanálise no seio da instituição universitária.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREUD, Sigmund (1919). Deve-se ensinar a psicanálise nas Universidades? São Paulo: Companhia das Letras, 2010. • LACAN, Jaques (1965-1966). A ciência e a verdade. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. • KESSLER, Carlos Henrique. A supervisão na clínica-escola: o ato no limite do discurso. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. • HECK, Fernanda Arioli. & KESSLER, Carlos Henrique (2015). Clínica pública e universidade: considerações sobre a posição do analista. In: Psicologia & Sociedade, 27(3), 618 – 628, 2015. • WEBER, Max. Weber, Max (2012[1920]). Ciência e política: duas vocações. São Paulo: Martin Claret, 2012. • BOURDIEU, Pierre, Homo academicus. Paris: Les éditions de Minuit, 1984. • CHARLE, Christophe. Naissance des "intellectuels": 1880-1900. Paris: Les Éditions de Minuit, 1990. • DUNKER, Christian. Estrutura e constituição da clínica psicanalítica. São Paulo: Annablume, 2011.

• Assim, a partir de considerações de Freud do início do século sobre as dificuldades da psicanálise na Universidade (FREUD, 2010[1919]), bem como a disjunção entre “saber” e “verdade” situado por Lacan nos anos 1960 (LACAN, 1992[1969-1970]), visa-se elaborar uma reflexão capaz de situar a diferença entre “impossível” e “impotência” e, assim, considerar as formas a partir das quais o discurso da psicanálise pode operar no seio da instituição Universitária.

• Para tanto, considera-se também algumas contribuições recentes que visam explorar as condições de transmissão da psicanálise na Universidade a partir de diferentes perspectivas, seja na prática de supervisão (KESSLER, 2009), seja a partir da posição do analista no seio da clínica pública (HECK & KESSLER, 2015), além de outros trabalhos que abordam os impasses da tradição da pesquisa clínica na Universidade.

2) A PSICANÁLISE, AS CIÊNCIAS HUMANAS E OS IDEAIS

• Uma vasto campo de reflexão das ciências sociais e da história social situa a Universidade como herdeira de uma longa tradição no interior da qual as figuras do filósofo (na Antiguidade) ou a do intelectual engajado (na Modernidade) assumem a posição de guardiões do saber (WEBER, 2012[1920]; BOURDIEU, 1984; CHARLE, 1990). Assim fazendo, os guardiões tomam a palavra e projetam-se como porta-vozes dos “universais” em nome dos quais a sociedade deve se guiar. Nestes termos, tem-se estabelecida as bases para o exercício das mais diversas formas de exercício do poder no interior das quais a Universidade desempenhou um papel fundamental, ao longo dos séculos, na produção do chamado “poder espiritual” cujo detentor contemporâneo poderia ser pensado em torno da figura do

A partir desta discussão com o campo das história social, propomos pensar a especificidade da psicanálise como discurso que, desde a sua gênese e ao longo da sua constituição, recusa a tomada da palavra na perspectiva do exercício de um “poder” (DUNKER, 2011). Assim, sugerimos que ela encontra sua especificidade no campo das ciências humanas na medida em que constituiu-se em um discurso sobre o homem que realiza a potência da palavra não na direção do exercício da influência de um homem sobre outro mas sim na sua possibilidade de elaboração e cura dos fenômenos psicopatológicos.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

• A especificidade do discurso da psicanálise a situa em um lugar frágil e ao mesmo tempo potente quando pensada a partir da sua posição no seio da instituição universitária. Esta posição singular relança, com o fôlego novo das pesquisas recentes, a pergunta freudiana sobre a pertinência do ensino da psicanálise nas Universidades, possibilitando, no entanto, novas formas de abordar a questão.